TL6763

FORÇAS ARMADAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE TIMOR-LESTE - FALINTIL

= RESPOSTAS A T A P O L =

1. Toda a iniciativa do ocupante teve, tem e terá sempre o efeito do "boomerang". Nunca nos assustaram as ameaças, as manobras nem as políticas do ocupante, porque foi sempre nosso princípio não nos deixarmos abater por tudo quanto o inimigo nos impõe, mas explorar as nossas possibilidades quanto às vantagens que podemos daí cobrar. Daí que toda a vantagem que retiramos, provém do aproveitamento racional e metódico que obtemos da situação que se manifesta a nosso desfavor. Porque sempre nos encontramos num plano de subordinação à estratégia do inimigo, nunca nos moveu um espírito de combate frontal, isto é, intenção de promover dificuldades tais que o adversário se veja inibido de realizar os seus propósitos. Nós estamos orientados por uma linha de pensamento que se resume na palavra de ordem de RESISTIR É VENCER. O carácter e o dinamismo deste princípio assenta-se na atenção primordial que dedicamos às bases reais para a consolidação e prosseguimento da resistência e é isso que nos tem assegurado a necessária serenidade para encararmos as dificuldades que se nos tem vindo a apresentar.

Podem muitos pensar realmente que não estamos capazes de impedir os projectos ou propósitos do ocupante, demonstrando assim a nossa total inoperância. Nós não vemos essa necessidade de frustar, de impedir por impedir para dar a impressão de que pretendemos impedir; vemos é outra necessidade maior, imperiosa por excelência: a de tirarmos todas as vantagens possíveis desses projectos do adversário. Assim, podemos mesmo dizer que nós próprios utilizamos, na sombra, os projectos do inimigo, na ideia que parece já todos saberem: "o dia é dos javaneses, a noite é da guerrilha", uma guerrilha que engloba a resistência do nosso Povo.

Sempre que o inimigo esboça uma estratégia, em qualquer campo que fôr, temos verificado que, "a priori", ele minimiza enormemente as nossas possibilidades de chamar para nós algum quinhão dos ganhos que pretende para si, tendo até agora demonstrado ùnicamente que se mantém, com obsessão, num erro crasso de análise acerca da mentalidade maubere, acerca de uma consciência que a guerra que ele nos impôs, desde há 15 anos, UNIFICOU e CONSOLIDOU. Aliás, o ocupante não tem outra saída e ele não pode fugir desta lei: quando pretende criar uma situação a seu favor, ele promove no próprio acto outra situação que será a seu desfavor. O carácter de supremacia que detém sobre nós, no plano global da guerra, assenta-se simplesmente na necessidade constante de cobrir as suas próprias falhas com outras falhas. É um círculo vicioso que, inicialmente, lhe oferece uma natureza fictícia de grande sucesso, que inevitàvelmente vai perdendo o seu fulgor à raiz de pequenos aborrecimentos que vai sentindo no plano interno, de que muitas das vezes ele próprio nem dá conta, uma situação que se desenvolve contrariamente aos seus desejos e que expressa a gradual ou rápida aplicação de novos métodos ou melhoria significativa de métodos de luta.

Relativamente à "abertura", se Jacarta continua saboreando a sua grande vitória no plano da propaganda, a resistência maubere não deixou de mostrar que sabe situar-se a toda e qualquer alteração produzida pelo ocupante. Temos usufruido muito mais vantagens do que o próprio ocupante, dessa política, vantagens que são despercebidas muitas delas e até mesmo desconhecidas mas que, no âmbito global da resistência, reforçam os fundamentos desta luta popular. Pelos princípios que adoptamos, não sobrestimamos o fulgor inicial que as vitórias do ocupante sempre tiveram a "virtude" de proporcionar aos olhos do mundo.

Quanto à ABRI, se consideramos que a estratégia é a intenção última que se pretende alcançar, a estratégia da ABRI não sofreu alterações mas, se considerarmos estratégia sob o ponto de vista de planos de acção para se alcancar essa intenção última, podemos dizer que sim. Anteriormente, a linha militar obedecia ao pensamento, ao desejo de uma resolução rápida da guerra, enquanto hoje, notando-se embora um empenhamento em grau mais eficiente, eu poderia classificar de uma estratégia de correspondência com o nosso pensamento estratégico de guerra prolongada. Assiste-se, por um lado, a uma melhoria de formas de actuação que entratanto é, por assim dizer, travada pela própria "abertura". Isso não quer dizer que o efeito da nova estratégia da ABRI tenha resultado inoperante.

2. Muito se falou da preocupação do Ken Bisley acerca da capacidade militar da Indonésia, uma preocupação excessiva, quanto a nós. Rimo-nos a valer quando a Nova Guiné Papua recusou, há anos, um apoio indirecto à OPM... pelo susto que Somary reflectia ao falar de 140 milhões de indonésios e de centenas de milhar de efectivos da ABRI.

A ABRI não vale nada. Temos reparado que a "velha geração de 1965", essencialmente javanesa e já todos com cabelos brancos, é que constitui o efectivo moralmente preparado para uma guerra contra "sublevações comunistas". Estes não são soldados, são fanáticos. Os generais pareciam o Capitão Lino (que levou para a UDT as forcas de Lospalos e Baukau) e a guerra em Timor-Leste ensinou-lhes muito mas apenas no nível de guerra anti-subversiva. Mesmo assim, a sua capacidade resume-se no facto de poderem mobilizar um soldado indonésio com um cunhete de munições para cada operação, em contraste com a situação dos guerrilheiros das FALINTIL que têem que enfrentá-los com a única bala que está na câmara da arma.

Um exército de guerrilha tècnicamente bem preparado e com a mínima capacidade de remuniciamento, derrota no campo de batalha os generais de Jacarta. Os antiquados Bronco OV-10 fizeram muita figura em Timor-Leste, assim como os Sky Hawke; nem necessitariamos de radares, apenas um único míssil, desses da UNITA... teriam ido todos de uma só vez! Pela edição de Agosto, de Tapol, tomámos conhecimento de que "a verdadeira guerra começou" em Aceh-Sumatra. Eu creio que sim. A moral da ABRI está corroída pela guerra em Timor-Leste que, de foi um campo

de treino, muito lhes custou o treino. O factor essencial para qualquer guerrilha é a existência de uma forte motivação política, sustentáculo de uma moral inquebrantável. Este é um pressuposto básico. Outra condição importante é assegurar-se da capacidade de reforço em efectivo humano. Para uma estratégia de "solução pela guerra", basta garantir-se, ao longo da guerra, da mínima possibilidade de um remuniciamento regular. As armas virão e compradas por Beni Murdani. Outra questão a ter em muito boa conta é explorar e ganhar vantagem das contradições existentes no campo adversário. A ABRI, como disse, não vale nada. Falta-lhe aquilo que a guerrilha possue, enquanto que o que a ABRI possue será a própria ABRI quem fornecerá à guerrilha.

3. A Luta foi tremendamente difícil. Se, há 3, 4 anos, ainda nos preocupávamos com o "depois da exterminação das FALINTIL", hoje, a exterminação das FALINTIL é apenas vista como um preço exigido pela PÁTRIA. Não só é com muito agrado mas é com um incontrolável orgulho que as FALINTIL constatam que os seus sacrifícios puderam acalentar e consolidar as bases de um resistência verdadeiramente nacional, tornando-as hoje indestrutíveis.

A situação, no plano interno, atingiu um estádio inigualável e não podemos esconder a nossa imensa satisfação ao declararmos isto. As nossas esperanças, do início desta fase, tornaram-se nesta empolgante realidade, que fomos construindo com os cadáveres de todos quantos tombaram pela Pátria, a confiança que depositávamos na énexcedível abnegação do nosso Povo traduziu-se na própria certeza e a fé que sempre nos guiou corporizou-se enfim numa total assunção do dever de buscar a vitória.

No plano global da guerra, todos estamos seguros de que o tempo corre a nosso favor e não a favor de Jacarta. No campo meramente militar, as FALINTIL estão conscientes de que já cumpriram o seu dever e estamos politica, psicológica e moralmente cada vez mais preparados para aceitar a nossa exterminação, porque sabemos que a nossa exterminação não significará o fim da guerra. O Povo Maubere continuará a lutar e não desistirá, sejam quais forem os vendavais da História.

O nosso Povo, 15 anos depois, não só provou que nunca esmoreceu como afirma que tem aumentada a certeza de que a guerra não acabará tão cedo, se Jacarta se mantiver inflexível na sua atitude. É, este factor, o que melhor atesta a actual situação interna da resistência maubere.

4. Jacarta sempre minimizou o fenómeno do nacionalismo maubere. A politica de "conquista de corações", a meu ver, é a encarnação da crença numa suposta influência que o Mário Carrascalão pudesse exercer sobre o Povo Maubere. Esta política que o Carrascalão veio iniciar não convenceu os velhos, pela única razão de que existia um fosso profundo demais que separava duas consciências opostas, e largo demais que

não admitia como ponte os ilusórios bens materiais.

O Mário Carrascalão e Jacarta concebem o Povo Maubere em termos de população de um território, necessitada, a quem convinha disttribuir alguns benefícios da "civilização". Porque para eles não existe povo mas população, reduzida a considerações estatísticas, a intenção politica revelava-se como o método mais eficaz para sarar primeiramente as feridas, na esperança de que, com o andar dos tempos, se modificaria a opinião geral.

Eles nunca podiam ter em conta a personalidade do Povo Maubere, o multifacesti, digo, o multifacetismo da identidade maubere (que aliás procuraram explorar), em suma, nunca podiam perceber a alma maubere. O Povo de Timor-Leste ainda não chegou ao tempo de recordar as suas tradições, pelo folclore para incrementar a indústria turística, nem chegou ainda ao tempo de evocar as suas tradições em termos de lendas dos antepassados. O Povo Maubere alimenta-se ainda das suas tradições e os seus costumes permanecem sagrados. E é nas suas tradições e nos seus costumes que reside o plano superior das suas concepções, da sua maneira de ser e da sua própria vida. O Povo Maubere caracteriza-se essencialmente na sua concepção sobre a honra, pois é um povo que se orgulha dos seus actos e menospreza os bens materiais. O Povo Maubere mata-se a trabalhar mas nunca sob a finalidade de "ficar rico"; tudo o que alcança, como produto do seu suor, possue apenas o carácter de condição que ele busca sem cessar para realizar as suas concepções sobre o real e visto apenas como um meio para eternizar as suas tradições e os seus costumes. Sua tradição, eminentemente existencial, que o liga profundamente à terra-mãe, seus costumes impregnados pela vivência material e pelo espiritualismo que inspira a sua vida.

É votada ao fracasso toda a política que pretender alienar a super-estrutura do pensar e do agir maubere e que, por outro lado, lhe provoque uma ruptura com a sua concepção sobre a terra-mãe, concepção que, num sentido politico mais amplo, tomou a dimensão de PATRIA MAUBERE, concepção de PATRIA que a própria guerra de invasão e ocupação militar reforçou e consolidou.

As vantagens materiais oferecidas, pelo ocupante, foram imediatamente rejeitadas pelo Povo Maubere porque via nelas um carácter de compensação aos sacrifícios, a que ele se dispôs a aceitar, e repudiava-as por isso mesmo, tanto mais quanto mais se apercebia de que alienavam os valores da sua mentalidade maubere, já que esta considerava os bens materiais como utilidade quotidiana e nunca como um objectivo da vida, um fim da existência, já que a sua passagem pela terra-mãe é um tempo efémero em que deve realizar-se para a verdadeira existência, junto dos ancestrais. Assim é que a sua honra, o seu orgulho, não se revela na posse de uma casa de alvenaria ou de uma plantação de café, mas na quantidade de cabeças que abate nas festas tradicionais, de um enterro, por exemplo, em que o que vai partir leva consigo a maior parte da riqueza (sob o conceito timorense: "mortens, belaks, suriks, tais",

etc). Segundo o meu pobre pensar, é aqui que se situa a verdadeira confrontação de mentalidades que, depois, ganha foros de confrontação politica.

A escolarização, pacífica do período colonial português, nunca foi travão para o Povo Maubere que continuava a manter vivas as suas tradições. A imposta e apressada, dos últimos anos, não podia com efeito quebrar a base da alma maubere, antes pelo contrário estava denunciando uma politica de alienação. É este o caso da nova geração e a nova geração deve ser compreendida em dois degraus. Um pertence à camada que, ainda criancas, viu o espectro da guerra, a dureza, os sofrimentos, a morte, as atrocidades. Esta camada foi crescendo na guerra e, o mais importante de tudo, foi participando na resistência. É difícil que um jovem se esqueça do seu pai massacrado ou da mãe maltratada; é difícil que um jovem se alhéie das atrocidades que se cometem ao seu redor. É inevitável que, dentro de si, vá também crescendo um ódio feroz ao estrangeiro que vem matar, ultrajar e oprimir, situação de que ele próprio é vítima, directa ou indirectamente. Um outro degrau é a camada que vai nascendo e mesmo que não tenha sentido os horrores da guerra, vai-se apercebendo de que existe uma situação de injustiça, uma situação de crime. Evidentemente, assume a luta, porque antes de tudo assumiu as aspirações de um Povo de que se sente continuador.

As práticas de luta, assumidas pela juventude maubere são uma consequência inevitável da própria continuação da guerra e uma manifestação autêntica do nacionalismo maubere e são ainda a afirmação categórica da perenidade da alma maubere. Um Povo não pode ser reduzido a cinzas se tem consciência de si mesmo, um Povo não pode ser alienado nos seus próprios valores, se se conhece a si mesmo. A nova geração timorense assumiu o que nós, antes, desejávamos unir, assegurar e consolidar: POVO E PÁTRIA MAUBERES!

5. Eu devo dizer que a única coisa que ainda não lhes permitimos é agarrarem em armas, porque vontade nunca lhes faltou. Descrever o papel que as mulheres desempenham separadamente dos homens, seria dividir a resistência popular em duas frentes distintas, por si mesmas inconcebíveis. Devo afirmar ainda que, nos períodos mais dificeis da luta (de 79 a 81 e de 83 a 85), em que as represálias do ocupante recaiam principalmente sobre os homens, a mulher timor foi o verdadeiro baluarte da resistência.

Permita-me que, em honra da MULHER TIMOR, conte dois episódios, simples, de entre tantos que eu próprio presenciei.

Em 1980, passámos da Ponta Leste para os Centros. Éramos todos desconhecedores do terreno. Em Loilubo, conseguimos contactar com a população, depois da nossa passagem por Venilale. Reunimo-nos toda a noite e, no fim, pedimos aos responsáveis que nos fornecessem guias que nos levassem a Ostiko, Bukoli, Kairabela e Vemasse. Muito cedinho, enquanto a população começava a dispersar, duas raparigas, irmãs, de en-

tre 16 a 18 anos, apresentaram-se munidas de catanas. Ficámos perplexos e após uma breve troca de palavras, soubemos que seriam as nossas guias. Desbravando caminho, escolhendo terreno para estacionarmos, entrando e saindo dos diferentes campos de concentraçaõ, promovendo conjuntamente com os responsáveis de cada campo os contactos com as populaçoẽs, durante cerca de 20 dias, tivemos a agradável, solidária e corajosa companhia de duas companheiras de luta, cuja acçaõ foi vital para o início do processo de reorganizaçaõ nas partes centrais do País.

Meses mais tarde, entrámos por Ostiko para contactar com os responsáveis de Berekoli, Fatumaka, Gari Uai, campos de concentraçaõ situados ao longo da estrada Baukau/Venilale. Foi uma noite toda a andar e a reunir com a populaçaõ, para a formulaçaõ de novas bases de luta. No regresso, ultrapassámos o campo do Ostiko ao clarear do dia. Pouco depois, duas outras raparigas, de Ostiko, apareceram e conduziram-nos a um local próximo. Deram as referências sobre o terreno e o Comandante foi colocar os postos de segurança. Estávamos todos literalmente cansados e cheios de sono. Decorrida mais ou menos uma hora, as duas vieram ter comigo: "irmaõ, nós sabemos que os irmaõs naõ dormiram toda a noite. Os elementos da segunrança naõ estaõ capazes de cumprir bem o seu dever. Sugerimos que eles também descansem pelo menos umas duas horas. Nós as duas faremos a segurança. Se vier o inimigo, estamos prontas para morrer para que vos salveis. Sois mais necessários para a Luta que nós."

Naõ se notava a mais pequena hesitaçaõ tanto nas suas palavras como nos seus semblantes. O comandante ainda tentou dissudi-las mas os seus olhos semi-cerrados trairam-no. Perante a resoluta e corajosa atitude das duas, pensei que naõ deveria decepcioná-las e anui.

Cerca das duas horas da tarde, fomos acordados com suavidade: "Irmaõs, irmaõs..." Levantámo-nos e a primeira reacçaõ de todos foi agarrar na arma, na expectativa de nos indicarem de que direcçaõ vinha o inimigo. Ficámos felizmente envergonhados perante o doce sorriso das duas: "Naõ há nada. Patrulhámos constantemente os arredores e naõ há presença nem de hansips. Mas... é hora de comerem para arrancarem, porque depois torna-se tarde e é conveniente que ultrapassem aquela ribeira além. Para cá da ribeira, naõ devem fazer sinais."

Na retirada para o mato, assim como na outra e noutras ocasioẽs, os guerrilheiros choraram e, perante as suas irmãs (pois novos laços começavam a nascer no sentimento e no espírito dos guerrilheiros que, assim, puderam esquecer totalmente os seus familiares), juraram que NAÕ RENDERIAM NUNCA!

E se me permite ainda, apenas mais um, já quen nunca me foi proporcionado falar sobre a MULHER TIMOR nesta Luta.

Saimos de Matebian em 1 28/Nov/78. Em 7 de Dezembro, entrava na planície frante a Mehara. Seria o começo da minha iniciaçaõ de guerrilha. Instalei-me em casa do "kepala kampung" local e, durante meses, percorri todos os outros campos reunindo-me com as populaçoẽs e, essencial

mente, ouvindo e aprendendo.

Numa ocasião, o dono da casa deslocou-se a Lospalos e lá permaneceu por quase uma semana. Em casa, apenas a esposa do "kepala", seus 4 filhos e eu. Havia um posto inimigo, mesmo dentro do campo, com um efectivo de um pelotão. Numa manhã, a companheira encontrava-se nas traseiras e eu no meu quarto, como de costume. O rapaz, de 7 anos, mais a irmã, de uns 5, estavam de sentinela, brincando à frente da casa. Ouvi uma correria e vozes atrapalhadas das crianças, dirigindo-se à mãe. Eu não compreendia ainda nada de fataluko. As 2 crianças irromperam para dentro da casa e o rapaz corria a fechar as portas e as janelas dos outros quartos, enquanto a sua irmã fechava apressadamente as do meu quarto e me dizia com ar assustado: "java, java".

Compreendi a seguir, ao ouvir a altercação que começava entre um soldado javanês e a esposa do "kepala". Não percebia nada mas me apercebi de um perigo eminente. Aqueles minutos foram uma eternidade e não escondendo a minha apreensão sobre o futuro daquela casa, eu estava preparado para o que desse e viesse. Percebi que o javanês foi baixando a voz, enquanto a companheiro levantava a sua e parecia gritar com ele. Só percebia "kepala", "Lospalos". Notei que a mulher já gritava no lado oposto ao meu quarto. Minutos depois, vi entrar a mulher, com o bebé ao colo, e os três mais crescidos agarrados a ela, emocionados, como que protegendo-a ao mesmo tempo buscando protecção. Passei para a sala. Ela não disse uma palavra. Atirou-se com todo o peso sobre um banco e encostou-se à parede. Olhou para mim e sorriu enquanto limpava o suor. Deixou cair um profundo suspiro e afagou os filhos e com uma calma impressionante falou aos filhos: "Abram de novo as janelas e vão brincar lá fora..."

6. Defendo o mesmo ponto de vista. A intenção de Jacarta é iniludível. No reverso da medalha, é tambem inequívoca a falta de vontade politica de Portugal. Eu já consigo enxergar um bocado melhor sobre o verdadeiro posicionamento de Portugal. Creio que foi um grande erro termos esperado todo este tempo por um empenhamento responsável por parte da impotente potência administrante. O Povo Maubere já está farto de esperar por alguma acção meritória de Portugal e urge pormos fim e de vez com vãs ilusões e esclarecermos com clareza que nada devemos a Portugal.

Eu próprio deverei corrigir o meu pensamento, reflectido no último plano de paz. Eu creio que não necessitamos da participação portuguesa, tanto mais que nenhum interesse Portugal detém ainda sobre Timor-Leste, além da sua honra. Creio também que poderia concordar com um estatuto inicial de um território entregue à administração da ONU, como primeiro passo para se encarar uma solução definitiva em alturas adequadas, retirando-se assim as "grandes preocupações" que se estão a "exigir" de Portugal.

Pela total falta de vontade política de Portugal e pelo contínuo sofrimento do nosso Povo, cremos que é nosso dever encarar ainda mais

realisticamente o problema e, nestes termos, se soubemos decidir pela guerra, iremos nós próprios buscar capacidades para decidir pela paz, sem necessidade de contratarmos, para a nossa defesa, "advogados"... que devem estar à espera que os paguemos com a salvaguarda da sua honra.

Eu penso que a declaração de Raffeudin Ahmed, Sec-Geral adjunto da ONU, feita recentemente em Lisboa, peca por estrabismo de análise. Se afirma que a ONU interpreta a questão de Timor-Leste sob o contexto asiático, compara mal a situação de Macau e Hong Kong com a de Timor-Leste. É uma generalização de casos, muito deficiente, na medida em que em Timor-Leste se assiste a uma guerra de 15 anos, entre Jacarta e o Povo Maubere. Desta forma, Portugal não pode permanecer como potência administrante de um território do qual não tem o mínimo de controle. Desta maneira, deve haver revisão na interpretação de partes interessadas, porque se as interpretações da ONU são específicas e condicionadas, retirando o valor universal aos princípios, então, a resistência maubere contra a ocupação militar de Timor-Leste sustenta que o Povo de Timor-Leste é a parte legitima para negociar o fim do conflito e nunca Portugal. Já afirmei e torno a declarar que estou interessado a debater qualquer projecto de solução, sem pré-condições, sob a supervisão da ONU (para que a solução a encontrar-se tenha o âmbito de uma solução promovida pela ONU e respeite as interpretações da ONU) e sob a prerrogativa sòmente de um cessar-fogo.

7. A Igreja de Timor-Leste tem desempenhado um papel de particular relevância, atendendo às dificuldades que uma situação de cruel repressão sempre pressupõe. O clero de Timor-Leste tem sido o suporte politico e essencialmente moral na luta do nosso Povo, nas áreas ocupadas. Para muitos, pode ser dificil compreender-se com exactidão a importância da Igreja de Timor-Leste no contexto da resistência. O clero tem sabido actuar com inteligência e aprumo e o seu papel indirecto, "apagado" quase, que desempenha no reforço da consciência de luta, não retira o carácter envolvente que esse mesmo papel adquiriu e detém.

A relação Clero/Povo é uma relação de luta, muito mais forte que uma relação de fé.

8. No plano global, estou de acordo, na medida em que se está a desenhar um novo mapa-mundi, constatando-se assim como que um processo de aceleração desse movimento pela democracia, em distintas regiões. Eu creio que isto tenderá a andar para a frente.

No plano individual de cada país, embora se deva reconhecer a irreversibilidade deste processo, existem de facto circunstâncias de vária ordem que entrarão em choque com as necessidades de mudança. Creio que devemos ser optimistas e perspectivarmos, a médio prazo, mudanças ainda mais significativas, as quais, segundo o que posso conceber operarão, em última instância, sob pressões politicas de índole econó-

mica, que o tanto o Norte exerce sobre o Sul como o Ocidente sobre os ultimos redutos do Leste.

Sobre algum impacto que essas mudanças tivessem exercido na nossa politica ou na nossa estratégia, penso que não se deve falar propriamente de impacto, desde que consideremos o termo com o carácter de causa e efeito. Com isso pretendo dizer que não nos vimos coagidos a adoptar alterações de base, já que nem fomos obrigados, pelas mudanças verificadas, nem nos sentimos pressionados a revêr os fundamentos da ressistência. A nossa politica e, concomitantemente a nossa estratégia, foi ganhando solidez pela verificação dos nossos próprios actos. Não posso realmente afirmar que não tivessemos tido em boa conta a realidade do mundo, as suas complexas relações e a necessidade de ajustarmos os nossos anseios aos interesses globais prevalecentes já na altura, pela constatação de que deviamos repudiar o nosso auto-isolamento. Foi assim que pudemos estar imediatamente presentes numa conjuntura, aliás só definida com clareza com as últimas mudanças.

9. É difícil antever-se uma relação de plataforma, pois eu penso que esse movimento só agora começou, em termos de movimento de massas.

O slogan "de Sabang a Merauke" é uma doutrina de Pancasila e, como Povo colonizado que fomos, compreendemos bem a força desse princípio colonialista. Aliás, se não estou em erro, vi no vosso boletim, que um importante dissidente indonésio, afirmou comungar, com relação a Timor-Leste, o mesmo espírito expansionista de Jacarta.

Contudo, esperamos que o Movimento estudantil possa perceber a dimensão da nossa luta e possa compreender que a verdadeira democracia só pode ser resultado do respeito pelos direitos fundamentais dos Povos.

Quanto a hipótese de uma colaboração (de uma colaboracao) entre movimentos de carácter distintos, como são o de democratização na Indonesia e o de movimento nacionalista (de territórios "fazendo parte" dessa Indonesia), eu creio que pode haver, desde que se compreenda com exactidão a acção ilegal e ilegitima e criminosa que tornou esses territórios "parte" da Indonesia. Declaro que temos os braços abertos a qualquer sinal que demonstre vontade de unir forças e esforços com vista a produzir mudanças benéficas na sociedade actual, pelo respeito mútuo dos interesses de cada parte. Qualquer propósito de colaboração deve estar assente nesta plataforma de princípios.

10. Depois de 15 anos de uma difícil resistência à invasão e ocupação militar indonésia, mais nos convencemos de que só o diálogo, franco e construtivo, pode proporcionar uma nova era de paz, de justiça e de liberdade, pela qual a comunidade internacional se empenha por criar sobre a face da terra.

As novas relações que se desenham, nascidas das mudanças ùltimamente verificadas, são um passo importante em direcção à paz mundial. O mundo de hoje vive sob o signo da liberdade. Porém, nenhuma democra-

cia é verdadeira se esquece a falta de liberdade noutros cantos do globo e nenhuma liberdade é total quando a liberdade de uns é assegurada pela falta de liberdade de outros.

Há 15 anos que o Povo de Timor-Leste vive uma situação de injustiça e suporta uma situação de total desrespeito pelos princípios universais.

Há sempre os que estabelecem diferenças, do ponto de vista de princípios, quanto à situação decorrente em Koweit e a vivida em Timor-Leste, desde há 15 anos. Pretendem desvirtuar o princípio de auto-determinação, com o argumento de que Afeganistão, Cambodia (e agora Koweit) são países soberanos, enquanto Timor-Leste é um território não contemplado juridicamente sob esse estatuto. Irònicamente, os que defendem esta tese inverosímil, admitem que a forma como se processou a anexação de Timor-Leste não obedece às normas concernentes aos territórios não-autónomos, implìcitamente reconhecendo que é ilegal e criminosa a invasão e ocupação militar de Timor-Leste.

Em termos de princípios, tanto em relação às normas sobre a inviolabilidade das fronteiras, utilização de força, etc, quanto ao que diz respeito à auto-determinação, Koweit é papel-carbono da situação de Timor-Leste.

Ficámos perplexos, por isso mesmo, com as declarações do Sec-Geral adjunto da Onu, Raffeudin Ahmed, que estabeleceu interpretações geográficas sobre auto-determinação. Interpretações assim, por parte da ONU, só retiram o valor universal dos princípios e dão à ONU a natureza de um governo local que interpreta o seu programa, consoante os interesses que pode buscar. Cremos que o princípio de auto-determinação será um princípio eterno pois que sem este princípio, mais Koweits sucederão. A defeituosa interpretação que, segundo Raffeudin Ahmed, a ONU faz deste princípio, acicatará as ambições expansionistas entre territórios soberanos, que vão buscar antigos ou supostos laços históricos ou de outra ordem, para reivindicar as porções que o colonialismo separou. Iraque afirma que Koweit sempre foi uma parte de Iraque e que o colonialismo separou. Como resposta, a ONU, em defesa dos princípios (dos princípios) universais (ainda não ouvimos falar de princípio de fronteiras coloniais), promove o "escudo do deserto", porque Médio Oriente não é a Ásia. Já que a interpretação é geográfica, deve-se esperar que Paquistão reserve para si o direito de contestar fronteiras coloniais sobre a Cachemira e a ONU já não poderá promover "o escudo dos bosques asiáticos". A Indonésia, já protegida por princípio, por uma interpretação de de princípios, não tardará a estender a sua luva de ferro sobre a nova Guiné Papua - que é, afinal das contas, uma autêntica farsa - pois foi o colonialismo quem demarcou fronteiras na grande ilha papua. Mais asiàticamente, devemos dizer também que a Malásia não tem nenhum direito sobre o Norte da ilha de Bornéu, porque a actual fronteira foi uma simples demarcação colonialista. E ninguém pode agora comentar sobre as reivindicações dos tibetanos, já que a interpretação, sob contexto asiático,

nega o direito à au to-determinação aos Povos, e concede direito de reclamação aos grandes, aos que têm força e... petróleo. Iraque no Koweit por causa do petróleo e Indonesia em Timor-Leste por causa da OPEP.

Com 15 anos a fazer uma guerra em defesa dos princípios universais, achamos que as declarações de Raffeudin Ahmed são um insulto a todos os Povos do mundo. Raffeudin Ahmed não tem em conta que existe uma colossal diferença entre Macau/Hong Kong e Timor-Leste. O pacto que concedeu a Portugal e à Inglaterra o direito a uma presença física nos dois territórios, não se aplica a Timor-Leste, para cujo caso não houve pactos entre Portugal e a denominada Indonésia, produto e continuidade da dominação colonial holandesa. Os recentes acordos que devolvem, à China Popular, plena soberania sobre os dois pedaços de terra, foram estabelecidos à luz desse pacto. Em Timor-Leste, o Povo Maubere continua resistindo à invasão e ocupação militar indonésia. Raffeudin Ahmed sugere soluções, tipo um Tratado das Tordesilhas, em que as potências coloniais decidem sobre o destino dos colonizados. O poder temporal do Papa foi apenas transferido para os gabinetes da ONU.

Apesar disto tudo, o Povo Maubere está convencido de que o caminho correcto é o diálogo, que permitirá encarar e solucionar conflitos onde os princípios universais são postos em causa. Acreditamos que a persistente defesa da democracia e dos direitos humanos adquiriu hoje um valor inestimável. Hoje, num mundo em mudanças, a verdadeira transformação só pode acontecer quando todos os Povos do mundo se beneficiarem dos valores universais da liberdade e do direito. Se, hoje, o mundo livre se congratula com o desmantelamento da cortina de ferro, povos há ainda, principalmente os mais pequenos e indefesos, que continuam atrás das grades das ambições dos que têm a força e dos interesses dos poderosos.

Nós continuaremos a defender o diálogo, para o caso de Timor-Leste, e estamos convencidos de que o diálogo entre as partes interessadas, incluindo o movimento da resistência timorense, poderá conciliar os interesses de todos, com vista a encontrar-se uma solução justa. Temos em muito boa consideração os interesses de Jacarta e as suas preocupações mas só o diálogo pode limar arestas e indicar formas e vias de solução.

Apelamos a todos para que pressionem Jacarta a buscar a solução do conflito pela via negocial, pois acreditamos que só assim existe disposição para salvaguardar os interesses de todos e de cada um. Esperamos que Jacarta dê mostras de maturidade politica.

Já dissemos que estamos dispostos, em qualquer momento, a uma discussão, sob os auspícios da ONU, sobre qualquer projecto de solução, sem pré-condições, obviamente sob a prerrogativa de um cessar-fogo.

- /////// -

Quartel-General do Conselho Nacional da Resistência Maubere, aos 26 de Setembro de 1990.

O Comandante das FALINTIL,